

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA

Larissa Aparecida Alves Mezencio

**NEOPENTECOSTALISMO E ESTIGMATIZAÇÃO DE RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRICANA: UM ESTUDO DO RACISMO RELIGIOSO NO TEMPO PRESENTE**

Varginha - MG

2022

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA

Larissa Aparecida Alves Mezencio

**NEOPENTECOSTALISMO E ESTIGMATIZAÇÃO DE RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRICANA: UM ESTUDO DO RACISMO RELIGIOSO NO TEMPO PRESENTE**

Trabalho de conclusão de Piepex
apresentado ao Instituto de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade
Federal de Alfenas como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel
em Ciência e Economia.

Orientadora: Vanessa Tavares de Jesus
Dias

Varginha - MG

2022

Larissa Aparecida Alves Mezencio

**NEOPENTECOSTALISMO E ESTIGMATIZAÇÃO DE RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRICANA: UM ESTUDO DO RACISMO RELIGIOSO NO TEMPO PRESENTE**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o Trabalho de Conclusão do PIEPEX apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Área de concentração: Interdisciplinar em Ciência e Economia.

Aprovado em:

Profa. Dra. Vanessa Tavares de Jesus Dias
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Profa. Dra. Aline Lourenço de Oliveira
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Dedico a toda ancestralidade africana, que além dos corpos, tiveram suas crenças sequestradas. Saibam que através das Comunidades Tradicionais de Terreiros elas ainda vivem;

Agradecimentos

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus, a quem chamamos de Olodumare ou carinhosamente de Pai Zambi.

Agradeço aos meus orixás, Yemanjá e Oxóssi, que me mantiveram forte e me trouxeram descanso nos dias mais difíceis. Agradeço a todos os orixás e guias espirituais que me ensinam e direcionam dia após dia.

Agradeço a minha família de sangue e alma, minha mãe Lilian e meus irmãos Gabriel, Samuel e Laisa, por serem minha base, minha rede de apoio e minha força.

Agradeço a minha família de santo, meu babá Admircio, minha madrinha Elizaine, meu padrinho Rander e todos os meus irmãos de santo. Vocês são igualmente responsáveis por este trabalho.

Agradeço a Profa. Dra. Vanessa Tavares de Jesus Dias, pela orientação e parceria.

RESUMO

Fruto do racismo intensificado desde o Brasil colônia e a escravidão, as tradições religiosas que encontram berço e influência em África sofrem constantes ataques, dada a discriminação racista e religiosa, antiga e crescente ainda hoje. Ademais, sequestrados de África e subjugados ao trabalho escravo, os negros em diferentes localidades sofreram um processo de objetificação da sua humanidade e de crescente apagamento de sua história e cultura. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral compreender como o racismo religioso se apresenta na sociedade contemporânea brasileira, através da construção dialética entre passado e presente. Além disso, tem-se como objetivo específico elucidar através da análise de conteúdo do discurso de Edir Macedo no livro **Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?** como o racismo religioso se difunde na vigência. Para isso, o trabalho buscou investigar que, além de interesses religiosos, o discurso de Edir Macedo se conecta ao racismo religioso e com isso à dominação e à busca pela manutenção da hegemonia branca. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica não-sistemática e a análise de conteúdo. Por resultado, tem-se que o racismo religioso, com suas origens no racismo estrutural, perpassa o passado e forma raízes na contemporaneidade, sendo os ataques das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras um dos principais pilares da manutenção deste racismo religioso.

Palavras-chaves: Racismo. racismo religioso. Afrodescendência. Neopentecostalismo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de Análise de Conteúdo

20

Sumário

Introdução	9
2. Contextualização acerca do racismo religioso	10
2.1 A demonização de Exu	10
2.2 Os ataques às religiões de matriz africana	12
3. Referencial teórico	15
3.1 O racismo estrutural e o racismo religioso	15
3.2 A manutenção do racismo religioso na atualidade	18
3.4 Quadro teórico-metodológico da análise de conteúdo	20
3.5 Análise do livro Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?	21
4. Considerações finais	26
5. Referências Bibliográficas	28

1. Introdução

O projeto de “apagamento” e “silenciamento” do que é sacro na perspectiva africana possui efetivo efeito no destribalizar do agrupamento negro, produzindo um esquecimento de sua história e cultura. É neste sentido que se esquece do antes e lembra-se apenas do depois, o momento de encontro com o colonizador europeu. O projeto colonial faz com que o negro se lembre apenas da senzala e se esqueça dos tronos da África; se esqueça de sua ancestralidade em Mansa Muça, o homem mais rico da história; se esqueça que houve um espaço na história antes do colonizador europeu e que neste espaço sua força era Orisá, Vodun, Nkisi, sua tradição e suas muitas crenças. O racismo religioso tem como fim o enfraquecimento das Comunidades Tradicionais de Terreiro, que se firmam em resistência através de sua ancestralidade e que mantêm viva a chama iniciada na África.

Ademais, mesmo com o Artigo 5º, VI, da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), que assegura a inviolabilidade da liberdade religiosa e garante a liberdade do exercício de seus cultos, as religiões de matriz africana têm sido historicamente atacadas das mais diversas formas, tanto tendo seus espaços de terreiro transformados em alvo de violências diretas, como recebendo um tratamento difamatório em esferas de sociabilidade. Mediante a isto, neste estudo sobre o racismo religioso, tem-se que as igrejas neopentecostais¹ têm um papel na produção e no espraiamento desse racismo. De acordo com autores como Oro (1997) e Nogueira (2020), a motivação de tais igrejas seria concorrencial, buscando, também, a demonização das afro-religiões e uma conversão em massa.

Neste trabalho, o problema a ser investigado diz respeito à relação entre o racismo religioso, existente e praticado contra os religiosos afro-brasileiros, e as relações de dominação e subordinação, e a manutenção de uma hegemonia branca, colonial, cristã e eurocêntrica. Desta forma, buscamos analisar o problema para além do fator concorrencial de uma igreja em relação a outras religiões, que visaria tão somente esvaziar os terreiros para abarrotar de fiéis a Igreja-Empresa. O que move a pesquisa é compreender o problema do racismo estrutural entranhado nos discursos contra as religiões de matriz africana. Neste

¹ Silva (2007) afirma que o neopentecostalismo pode ser definido como a terceira onda do pentecostalismo, ou seja, uma fase que abrange várias igrejas do movimento de renovação cristã. Desta forma, não se trata de uma religião autônoma, mas de um movimento dentro de um campo amplo e complexo de denominações.

sentido, e para que respostas sejam encontradas em relação à questão principal da pesquisa do texto, foi escolhido um *corpus* particular para auxiliar no processo de desvendamento do problema. Sendo assim, o trabalho buscará através de uma metodologia de análise de conteúdo, embasada em Minayo (2014), analisar o discurso do agente que fundou a Igreja Universal do Reino de Deus² Edir Macedo Bezerra, no livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** A escolha do *corpus* se justifica porque, apesar de o racismo religioso não estar relacionado unicamente à hegemonia do cristianismo, as igrejas neopentecostais são, em termos gerais, as principais produtoras de um discurso difamatório e ofensivo às religiões de matriz africana, de acordo com Oro (1997), Silva (2005) e Santos (2017). A análise procura elucidar o racismo religioso presente em sua obra e investigar as entrelinhas, discorrendo sobre como o discurso do pastor e o racismo religioso colaboraram para a conservação das relações cotidianas de poder e a supremacia do branco. Em síntese, a análise do conteúdo do discurso do principal porta-voz da mais poderosa igreja neopentecostal do Brasil tem como fim buscar pistas para entender aspectos do racismo religioso hoje. Portanto, o mergulho da investigação será no discurso contra as religiões afro-brasileiras.

A estrutura do trabalho se divide em quatro, a começar pela introdução, seguida pela justificativa que contém os discursos de estigmatização do orixá Exu e os ataques às religiões afro-brasileiras. Além disso, há uma parte teórica que busca realizar uma análise dialética entre racismo do passado e do presente. Em seguida, destina-se uma parte do trabalho para apresentação do quadro teórico-metodológico. A penúltima parte diz respeito à análise do material primário. Por fim, tem-se as considerações finais deste trabalho.

2. Contextualização acerca do racismo religioso

2.1 A demonização de Exu

Para os afro-religiosos Exu é o começo e o final de um caminho. Sem Exu não se realiza nada. Exu é o condutor e o mediador que possibilita a ação. Portanto, no que pauta a justificativa deste trabalho e a fim de revelar como o racismo religioso agride o sagrado afro-brasileiro, tem-se como objetivo investigar a demonização de Exu, esta figura central

² Segundo Moraes (2010), a Igreja Universal do Reino de Deus foi pioneira no movimento neopentecostal no Brasil. Foi por conta de sua inserção no campo religioso brasileiro e seu crescimento exponencial, que pesquisadores do campo da religião tiveram que criar um termo para aquela prática religiosa que surgia, que era filha do Pentecostalismo existente, mas que se diferenciava deste em muitas de suas práticas e ideias.

para as religiões de matriz africana. E é neste sentido, que surge para quem não o conhece a complexa questão: quem é este pelo qual chamam de Exu? Quem é este Exu que, ousam dizer, expulsar nas igrejas protestantes ao redor de todo o Brasil e o descrevem como diabólico, não somente nas igrejas, mas também mediante a cotidiana sociedade brasileira? Segundo as teorias de Prandi (2001), Exu não é o diabo. Exu é o orixá mensageiro, o comunicador entre o céu e a terra. Exu é orixá para Candomblé e guardião para Umbanda. Mas se as teorias e a representação no interior dos terreiros revelam que Exu não é o diabo, quem o colocou como tal?

Tais afirmativas fazem parte do imaginário popular herdado pelo branco eurocentrado e do racismo estruturante da sociedade que, de acordo com Souza (2016), enxergava a cultura do negro como primitiva, pois desarmonizava o ideal de civilização para a sociedade. Nesta perspectiva, a fim de contextualizar e dar direção para a discussão, cabe discorrer a respeito da figura do diabo na mitologia cristã.

Segundo a Bíblia (1975), no livro de Gênesis, a figura do diabo equivale à serpente que com astúcia e maldade influenciou Eva, a primeira mulher a comer do fruto proibido no Éden e desobedecer a Deus. Além disso, o diabo é o anjo rebelde que se rebelou por ser incapaz de aceitar a grandeza de Deus, se enchendo de inveja e prepotência, o que resultou em sua queda. Tal figura diabólica é a encarnação do mal e, como diz Menon (2008), é o articulador deste mal que habita a terra.

Dentro das religiões de matriz afrodescendente o diabo não existe, haja vista que esse faz parte das tradições judaico-cristãs. É comum ainda se ouvir que Exu é o diabo, e que através desta divindade se pratica o mal contra os outros. Exu para o povo nagô-yorubá é, na realidade, o mensageiro que conecta o Aiyé ao Orum, ou seja, a morada dos homens à morada dos deuses. De acordo com Prandi (2001), Exu cumpre a função de mensageiro, sendo a ponte da comunicação entre os homens e os orixás. Nada acontece sem o intermédio do mensageiro. Nada acontece sem Exu. Verger (1981), aponta em seu livro **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo** que:

Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. É numa peneira que ele transporta o azeite que compra no mercado; e o azeite não escorre dessa estranha vasilha. Ele matou um pássaro, ontem, com uma pedra que somente hoje atirou. Se ele se zanga, pisa nessa pedra e ela põe-se a sangrar. Aborrecido, ele senta-se na pele de uma formiga. Sentado, sua cabeça bate no teto; de pé, não atinge nem mesmo a altura do fogareiro (VERGER, 1981, p. 78).

A partir deste trecho, nota-se que Exu é controversia, não sendo possível enquadrá-lo ou defini-lo como algo linear. Exu é encruzilhada, faz o que é errado se tornar correto e o que é correto tornar-se errado, como aponta Verger (1981). Exu para África é muito mais que bem e mal. E quem não consegue compreender os muitos caminhos de um deus não linear, acaba por estigmatizá-lo. Exu foi demonizado junto com a cultura preta no sincretismo das religiões afro-brasileiras, e a resposta para tal fato é a mesma: Racismo religioso. Prandi (2001) diz que Exu foi dissimulado, que sua originalidade foi esquecida e Exu foi transformado em um diabo cristão, uma vez que ganhou chifres, rabos e cascos de um bode, em referência aos demônios do catolicismo.

No livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?**, de Edir Macedo, *corpus* de investigação deste trabalho, pode-se verificar esta dissimulação que foi feita a figura de Exu e algumas outras figuras pertinentes à afro-religiosidade.

2.2 Os ataques às religiões de matriz africana

Com o intuito de continuar demonstrando como o racismo religioso hediondamente é praticado contra a Umbanda, Quimbanda, Candomblé e demais religiões de matrizes afro-descendentes, serão apresentados alguns casos reais que aconteceram no Brasil. Os exemplos foram retirados de reportagens e artigos que vão de 2015 a 2021, para fazer um corte dos últimos anos, ainda que os casos de racismo religioso sejam verificados historicamente no país desde a sua formação.

O primeiro caso, é o de Kayllane Campos, que foi vítima de um dos casos que mais repercutiram em 2015 acerca do racismo religioso. A menina, com 11 anos na época, ao voltar para a sua casa de Candomblé foi agredida com uma pedra na cabeça. O portal G1 (2015) revela que o caso ocorreu na Zona Norte do Rio de Janeiro, enquanto o grupo de adeptos do Candomblé, do qual Kayllane fazia parte, retornava de uma festa para o seu barracão. Vestidos de branco, o agrupamento recebera insultos advindos de dois homens, sendo que um deles atirou a pedra que acertou a menina. De acordo com o mesmo portal (2015)³, após o crime, Kayllane afirmou: “Achei que ia morrer. Eu sei que vai ser difícil. Toda vez que eu fecho o olho eu vejo tudo de novo. Isso vai ser difícil de tirar da memória”.

³ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/epoca/mae-perde-guarda-da-filha-de-12-anos-apos-ritual-de-candomble-24571523>.

Acesso em: 25 jan. 2021.

É possível também citar o que houve com Carmen Flores, Yalorixá conhecida por Carmen de Oxum. De acordo com Leandro e Sanfilippo (2018), no ano de 2017, Carmen fora obrigada a destruir os objetos sagrados de seu terreiro por traficantes pertencentes às religiões cristãs neopentecostais. O caso ocorreu em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, e toda violência foi filmada pelos criminosos.

Além desses dois casos, há o de uma *Influencer Digital* Sergipana acusada de cometer intolerância religiosa. A influenciadora, advogada e blogueira se chama Sheilla Raquel, tem 29 anos e é residente em Sergipe. De acordo com o site G1 (2020)⁴, a mulher fora acusada de intolerância religiosa, no dia 13 de dezembro de 2020, após passar diante de oferendas típicas das religiões de Matrizes Africanas e proferir em vídeo postado em seu *Instagram* coisas como “tá repreendido em nome de Jesus”, “Queima, Senhor!” e “Joga alfazema”. Após denúncias a Delegacia de Atendimento a Crimes Homofóbicos, Racismo e intolerância religiosa passou a investigar o caso. No dia 16 de dezembro, Sheilla se retratou através das redes sociais, através de vídeo gravado junto a Iyalorixá Mãe Jô de Ogum da casa de Ogum Beira-Mar.

Além do mais, Bassette (2020)⁵ discorre sobre a mãe que perdeu a guarda da filha após a menina passar por um ritual de iniciação no Candomblé. Tal fato ocorreu em Araçatuba, no estado de São Paulo, onde a guarda foi concedida de maneira provisória pela justiça à avó da garota de 12 anos de idade. Tudo sucedeu após a adolescente passar pela iniciação dentro da Religião de Matriz Africana, em que na chamada feitura de santo e devido à tradição yorubá é pedido a raspagem da cabeça. Uma denúncia foi feita pela avó evangélica, alegando que a criança sofria maus-tratos em sua casa de Candomblé. Indício de maus-tratos não foram encontrados pela polícia, porém após a realização da perícia a realização do corte de cabelo foi considerada como lesão corporal. Neste sentido, a guarda provisória foi dada à avó por ordem judicial. No entanto, com ajuda de um advogado a mãe empenhou-se para retomar a menina novamente, obtendo sucesso. De acordo com Bassette (2020), protestos foram realizados em Araçatuba após o caso de racismo religioso ganhar repercussão.

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/12/14/influenciadora-digital-de-se-e-investigada-por-suspeita-de-intolerancia-religiosa.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2021.

⁵ Disponível

em:<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

Ainda no âmbito das depredações de terreiros o Rio de Janeiro, ganha destaque, principalmente com a onda crescente de facções criminosas evangélicas, assim como o caso supracitado de Mãe Carmen de Oxum. Notícias recentes, dadas por Soares (2021)⁶, apontam uma união entre o tráfico e a milícia expandindo o que chamam de “Complexo de Israel”, um conjunto de favelas sob o domínio de Álvaro Malaquias Santa Rosa, na cidade do Rio de Janeiro. Nas favelas da zona norte desta capital, as religiões de matrizes africanas são proibidas e reprimidas sob ameaça de paramilitares e de traficantes evangélicos. Terreiros são invadidos e depredados, pais e mães de santo expulsos de suas casas junto aos adeptos de Umbanda e Candomblé, conforme Soares (2021) aborda na matéria.

No último caso a ser apresentado, tem-se que o dia 21 de janeiro é instituído o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Kinue (2021) explica que a data foi instituída em 2007 a fim de homenagear Mãe Gilda de Ogum, falecida em 1999 por consequências de um caso de discriminação religiosa praticado contra a Iyalórixá, nome dado as sacerdotisas de um terreiro. Gilda teve seu terreiro, chamado de Abassá de Ogum, invadido e destruído por fundamentalistas religiosos. Além disso, teve sua imagem divulgada em um jornal da Igreja Universal Reino de Deus, que a acusava de charlatanismo. Iyá Gilda veio a falecer devido a um ataque cardíaco, produto de tais abusos sofridos, conforme o site do G1 (2021)⁷ explica.

São inúmeros os crimes cometidos contra as Comunidades Tradicionais de Terreiros, os casos supracitados são apenas uma pequena parcela entre a quantidade ascendente desse tipo de violência. É possível notar que, em sua maioria, os crimes são motivados pelos ideais da hegemonia cristã, herança colonial europeia, corroborando a inexistência de liberdade religiosa no Brasil. Cabe a este trabalho compreender esses ataques também como racismo religioso.

⁶ Disponível em:

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/traficantes-evangelicos-fecham-pacto-com-milicia-para-expandir-compl-exo-de-israel-24821015.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

⁷ Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/01/20/dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-no-dia-21-de-janeiro>. Acesso em: 24 nov. 2021.

3. Referencial teórico

3.1 O racismo estrutural e o racismo religioso

O racismo não é um ato isolado, ele permeia toda a sociedade em seus âmbitos políticos, institucionais, econômicos, culturais e até familiares. O racismo vai muito além de comentários maldosos destinados ao agrupamento negro. Almeida (2018), em sua obra **Racismo Estrutural**, revela que há uma diferença importante entre injúria racial e racismo estrutural. No caso da injúria, o racismo é explícito e é o mais reconhecido pela sociedade. No entanto, há um racismo que se encontra no consciente e no inconsciente social, que faz com que, mesmo as pessoas não racistas, pratiquem o racismo no cotidiano. Basta não estranhar a ausência de pretos e pardos em esferas de poder; que não se incomode com o fato de que pessoas negras sejam maioria entre as pessoas que mendigam, que moram embaixo de marquises ou que formam a maior parte da população carcerária.

Para o mesmo autor (ALMEIDA, 2018), o racismo estrutural organiza as relações sociais como um todo, em diferentes esferas da sociedade. Além de ser herança do passado colonial e escravista, ele se recria no presente, a partir de necessidades de dominação de contextos atuais. Para tanto, a novela, a escola, os programas policiais, o sistema de justiça normalizam a desigualdade racial, penetrando nas entranhas subjetivas da sociedade, incluindo dos próprios negros. Colocando de outro modo, o racismo estrutural está presente na pouca representatividade negra no Legislativo, no Executivo e no Judiciário; entre os professores universitários; nos autores lidos nos espaços acadêmicos; enquanto são a maioria entre os encarcerados, nas ocupações de menor remuneração, nos papéis televisivos de reprodução a diferenciação social, e na naturalização dessa realidade. Neste sentido, Almeida (2018) aponta que o racismo decorre da maneira habitual com que se formam as relações sociais, jurídicas, econômicas, políticas, entre outras. Caracterizando-se como estrutural, uma vez que parte da estrutura do próprio corpo social e é normalizado em meio ao agrupamento brasileiro.

Mediante isto, há um motivo por detrás de assinalarem um alvo nas costas dos afrodescendentes no Brasil, e similarmente uma explicação para o crescente encarceramento de jovens negros neste país. A fim de clarificar as razões dos exemplos supracitados tem-se o racismo como parte da estrutura da sociedade, como também abordam Raposo et al. (2021), uma vez que o racismo ultrapassa as esferas individual e institucional.

O racismo, de modo estrutural, permeia a história e finca raízes ao longo da modernidade, uma vez que “a cor da pele se tornou um código visível de classificação social, que, historicamente, foi imposto pelo branco colonizador” (TELLA, 2018, p. 159). A branquitude, raça sob o qual se fundamenta o limiar e a preservação do pensamento colonial, procura transmutar todas as coisas, espaços e saberes em sua imagem e semelhança. Desta forma, o racismo estrutural persiste em todos os ambientes da sociedade, sociedade esta que preconiza o protagonismo branco integralmente, uma vez que a branquitude fornece vantagens ao grupo branco e também nega sua participação nas desigualdades raciais, como expressa Bastos (2016).

O afro-descendente, deste modo, não se encontra socialmente em segundo plano, mas em último. Mbembe (2014), ao falar sobre a nomeação negro, descreve que:

E não é tudo. Produto de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização, este nome foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital (MBEMBE, 2014, p.19).

Como uma das facetas do racismo estrutural, que caracteriza o negro como a cripta do capital dita por Mbembe (2014), está o racismo religioso como parte da manutenção do negro em espaços de precarização e do constante embranquecimento da sociedade. Nesta perspectiva, existem poucos trabalhos acadêmicos a conceituar a terminologia, sendo mais popularizada a expressão da intolerância religiosa, partiremos a princípio deste ponto.

A intolerância religiosa é vista pela coletividade como uma maneira de discriminação à determinada religião, suas práticas e ao indivíduo adepto a ela. A intolerância em muitos casos se inicia dado um fundamentalismo religioso, descrito por Panasiewicz (2008) como o ato das pessoas que se fecham em suas próprias percepções da verdade, e evitam dar abertura a outras maneiras de se pensar o mundo, o que produz sentimentos como o desprezo para com o outro e, portanto, a intolerância.

A intolerância religiosa também seria uma maneira, em meio ao pensamento colonial eurocêntrico, de realizar a manutenção do pensamento europeu, sendo desempenhada a fim de “apagar” as práticas religiosas não eurocêntricas. Neste sentido, a hegemonia cristã é uma busca irmã da hegemonia branca, uma vez que, para Hartikainen (2021), o Estado continua privilegiando o cristianismo e suas liberdades cristãs em detrimento das religiões afro-brasileiras e seus direitos.

As tradições africanas detêm relevante papel na construção da identidade nacional brasileira. No entanto, as forças do colonialismo desde seu princípio, e sua refundação diária, buscaram conduzir o pensamento popular à demonização, em termos cristãos e eurocêtricos, das culturas afrodescendentes. Neste sentido, ao realizar um recorte para o âmbito religioso, tem-se que o preconceito atribuído às religiões de matrizes africanas perpassam a intolerância religiosa, porém imergem de maneira profunda no racismo estruturante da sociedade. No livro **Intolerância Religiosa**, o Babalorixá Sidnei Nogueira (2020) aponta que as raízes da intolerância na esfera religiosa e a farsa da laicidade do Estado encontram origem na colonização, e que a partir deste ponto deu-se início a um projeto de “silenciamento” e “apagamento” das crenças não eurocêtricas.

Para confirmar o processo de demonização das tradições religiosas de matriz africana, os escritos de Edir Macedo são bastante exemplares, como no trecho selecionado.

No Brasil, em seitas como vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. No espiritismo mais sofisticado, eles se manifestam mentindo, afirmando ser espíritos de pessoas que já morreram (médicos, poetas, escritores, pintores, sábios, etc.). Se fazem também passar por espíritos de pessoas da própria família dos que se encontram nas reuniões, quando são invocados para "prestar caridade" ou receber uma "doutrina" (MACEDO, 2010, p. 6)

Mediante a discussão, cabe salientar o porquê deve-se nominar o ataque às religiões de matriz africana como racismo religioso, e não somente como intolerância ou simples preconceito. Neste sentido, Oliveira (2017) ajuda a compreender a diferença:

[...] pois não se trata de um simples ato de não concordar com o outro, mas sim de moldar uma sociedade em que as práticas não eurocentradas, a que incluem as religiões afro-brasileiras, mas não só, são discriminadas, criminalizadas e perseguidas seja de forma normativa, como os artigos que criminalizavam as práticas afro-religiosas no código penal até 1940, seja ainda no atual código penal, ou ainda perseguição neopentecostal a essas religiões. Não se trata de intolerância, se trata de racismo religioso! (OLIVEIRA, 2017, p.48)

Oliveira (2017) discorre em sua dissertação sobre o fato de a intolerância religiosa não ser o bastante para descrever o racismo, cometido judicialmente inclusive, uma vez que há um peso dado às perseguições e ataques que as religiões afro-brasileiras sofrem. Neste sentido, cabe compreender que o preconceito direcionado contra essas religiões é um braço do racismo estrutural.

A fim de compreender, no Brasil Colonial inicia-se um processo denominado de sincretismo religioso. Para Valente (1995), o sincretismo se configura por uma combinação de elementos culturais, sendo o sincretismo religioso esta mistura de elementos culturais

religiosos. Neste seguimento, no que tange ao sincretismo religioso afro brasileiro, Romão (2018) explica que o agrupamento negro no Brasil se via proibido de praticar e manifestar sua fé, e para poderem exercer sua religiosidade tomaram a iniciativa de adaptar seus ritos e temas em termos próprios do Catolicismo.

É relevante notar através do supracitado, que inicialmente o sincretismo era realizado pelos sujeitos escravizados, a fim de manterem sua crença. Ou seja, a raiz do sincretismo é a determinação dos "de baixo" sobre os "de cima". Posteriormente, houve uma cultura sincrética no Brasil, estancada com o avanço do neopentecostalismo. Contudo, além do sincretismo com a Igreja Católica, “as religiões afro-brasileiras possuem um passado feito de estigmatizações, preconceitos, e até mesmo de repressões, religiosas e policiais” (ORO, 1997, p. 13). Passado este que não foi esquecido, mas que se mantém na memória dos afro-religiosos ainda na atualidade, como aborda Oro (1997).

3.2 A manutenção do racismo religioso na atualidade

Após compreender o racismo estrutural e o racismo religioso, cabe dialogar a respeito do que mantém o racismo religioso vivo na atualidade. E para isto, tem-se o surgimento e o crescimento do neopentecostalismo como um dos pilares que sustentam tal problemática na contemporaneidade. A fim de compreender esta ideia, Souza (2011) discorre que a formação do neopentecostalismo tem certa repercussão no cenário religioso do Brasil, possuindo influência econômica e política. Para Souza (2011), as principais igrejas neopentecostais brasileiras são: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e Sara Nossa Terra, sendo a Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo, uma das que mais crescem no país.

Silva (2005), ao falar sobre o neopentecostalismo, descreve que:

Pelo acréscimo do prefixo latino “neo”, pretendeu-se expressar algumas ênfases que as igrejas identificadas nessa fase assumiram em relação ao campo do qual, em geral, faziam parte: abandono (ou abrandamento) do ascetismo, valorização do pragmatismo, utilização de gestão empresarial na condução dos templos, ênfase na teologia da prosperidade, utilização da mídia para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa (por isso chamadas de “igrejas eletrônicas”) e centralidade da teologia da batalha espiritual contra as outras denominações religiosas, sobretudo as afro-brasileiras e o espiritismo (SILVA, 2005, p. 152).

Esta batalha espiritual contra as religiões de matriz africana levou a um acirramento dos ataques contra as religiões afro-brasileiras por parte dos adeptos neopentecostais. Silva (2007) separa em categorias distintas estes ataques. Nesta perspectiva, o autor classifica: 1)

Os ataques feitos nos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação; 2) As agressões físicas contra terreiros e seus adeptos; 3) Os ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras locais públicos ou aos símbolos; 4) Os ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil; 5) Os ataques mediante as alianças entre igrejas e políticos; 6) As reações públicas (políticas e judiciais) dos afro religiosos (SILVA, 2007).

De mais a mais, a despeito das igrejas neopentecostais, Oro (1997) diz que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está à frente no que se refere à intolerância contra as religiões afro-brasileiras, pois, como afirma o mesmo autor, além das agressões e acusações verbais, há registros de violência praticada pelos membros da IURD contra os afro-religiosos e seus terreiros.

Para Santos (2017), os novos movimentos neopentecostais contribuíram de maneira efetiva para inflamar o ódio às pessoas que professam outros tipos de crenças, destacando-se a Universal do Reino de Deus ao inflamar o ódio dos fiéis contra os adeptos das religiões afro-brasileiras. No entanto, esta disputa vai além para a IURD, pois “o afro-brasileiro representa a alteridade radical, que contribui, por contraste, para a construção da sua própria identidade religiosa” (ORO, 1997, p. 10). Portanto, como afirma Oro (1997), esta batalha tem também um caráter concorrencial e uma ênfase na demonização da cultura afro-brasileira.

Em meio aos ataques racistas religiosos contra as religiões de matriz africana, no livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** de Edir Macedo, é possível elucidar a ênfase na demonização afro-brasileira descrita por Oro (1997), uma vez que o pastor se dedica a relacionar as entidades de tais religiões aos demônios cristãos.

A fim de exemplificar os ataques neopentecostais direcionados aos afro-religiosos, Silva (2007) expõe o caso da Gildásia dos Santos e Santos, conhecida como Mãe Gilda da Abassá de Ogum. O autor conta que no ano de 1992 Mãe Gilda participou de um protesto contra o governo Collor em Brasília, e foi fotografada pela revista *Veja* ao lado de um despacho. Silva (2007) diz que a foto foi usada pela Universal Reino de Deus anos mais tarde no jornal publicado e distribuído pela Igreja, chamado *Folha Universal*, com a manchete “Macumbeiros Charlatões Lesam a Bolsa e a Vida dos Clientes – O Mercado da Enganação Cresce no Brasil, mas o Procon Está de Olho”. Logo depois, Mãe Gilda teve seu terreiro invadido por adeptos da Igreja Deus é Amor. Em decorrência de tais fatos e em pouco tempo após os acontecimentos citados a Mãe Gilda veio a falecer (SILVA, 2007, p. 20).

Casos como o da Mãe Gilda da Abassá de Logun e discursos como o de Edir Macedo no livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** representam uma substância empírica do racismo religioso, praticado na contemporaneidade por esta igreja neopentecostal.

3.4 Quadro teórico-metodológico da análise de conteúdo

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se na análise de conteúdo. Segundo Oliveira et al. (2003), a análise de conteúdo é um método de pesquisa cuja origem remonta às décadas de 1920 e 30 e busca realizar uma análise interpretativa do conteúdo a ser desvendado. Neste sentido, Oliveira et al. (2003) discorrem que a análise supracitada tem por fim explicar o conteúdo da mensagem e o seu significado, levando em consideração o emissor, o contexto e os efeitos provocados pelo conteúdo em análise, em uma dedução lógica e justificada.

Além do exposto, Chizzotti (2018) aponta que a análise de conteúdo pode ser realizada através de técnicas diversas de coletas de dados, contidas em algum documento, o que inclui textos escritos ou qualquer tipo de comunicação. De acordo com Capelle et al (2003):

(...) a análise de conteúdo propriamente dita, vai depender especificamente do tipo de investigação a ser realizada, do problema de pesquisa que ela envolve e do corpo teórico adotado pelo pesquisador, bem como do tipo de comunicação a ser analisado (CAPELLE et al, 2003, p. 6).

Neste sentido, o objeto da análise é o livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** do fundador e proprietário da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. A escolha desse *corpus* se deve ao fato de que no texto é possível encontrar a construção de um discurso contra as religiões de matrizes africanas e o preconceito destilado a estas, sendo o assunto central em discussão por uma liderança de uma Igreja Evangélica. O livro também ajuda a compreender como são elaborados determinados discursos que circulam na sociedade, e que contribuem para a fundação de uma hegemonia sócio-histórica da branquitude e do racismo religioso.

No quadro a seguir, mostra-se algumas técnicas de análise de conteúdo contidas no material de Minayo (2014).

Quadro 1. Tipos de Análise de Conteúdo

Técnicas de Análise de Conteúdo	O que analisa
Análise temática ou categorial:	Consiste em técnicas que buscam desmembrar o texto em unidades e/ou categorias, segundo reagrupamentos analógicos.
Análise de avaliação ou representacional:	Busca medir as atitudes do emissor quanto aos objetos de que ele fala e apoia-se na ideia de que a linguagem representa aquele que a utiliza.
Análise da expressão:	Parte do princípio de que há uma relação entre o tipo de discurso e as características do emissor e seu meio
Análise das relações:	Extraí do texto as correspondências entre elementos da mensagem, ou seja, procura a aparição correspondente de dois ou mais elementos no texto, analisando a relação destes entre si.
Análise da enunciação:	Trabalha com as condições de produção da palavra e com as modalidades do discurso (análise sintática e paralingüística, análise lógica, análise dos elementos formais atípicos: silêncios, omissões, ilogismos, e realce das figuras de retórica)

Fonte: Elaboração própria, com base em Minayo (2014).

A despeito da análise serão utilizadas duas técnicas de análise de conteúdo descritas por Minayo (2014): análise da expressão e análise das relações. Além disso, a pesquisa não contemplará todo o livro, mas irá se ater a alguns trechos pontuais e pertinentes a este trabalho, escolhidos mediante a leitura, estando presentes em diversos capítulos do livro de Edir Macedo.

Os resultados da pesquisa serão postos em discussão no tópico a seguir.

3.5 Análise do livro Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?

Como apresentado no tópico anterior, será feita uma análise de conteúdo do discurso de Edir Macedo no livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?**, a fim de

elucidar o racismo religioso presente e difundido no Brasil. Neste sentido, serão utilizadas algumas das técnicas de análise propostas por Minayo (2014).

O livro foi editado pela primeira vez em 1997 pela editora Unipro⁸. Seu conteúdo consiste numa tentativa, por parte do autor, de alertar os fiéis, que são adeptos do cristianismo e até mesmo de religiões espíritas e afro-religiosas, para uma crítica das religiões kardecistas, umbandistas, candomblecistas e similares. Para isto, inicia-se Macedo (2010), já no primeiro capítulo do livro, a apresentação das religiões como “seitas” adoradoras de demônios.

No candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue, para agradar quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os "espíritos desencarnados" ou "espíritos menores" (caboclos, pretos-velhos, crianças, etc.) para os representar, e a estes obedecem e fazem os seus sacrifícios e obrigações. Na quimbanda, os deuses são os exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou o marido de alguém, obter favores por meios ilícitos, etc. (MACEDO, 2010, p. 8).

Como se pode observar no trecho acima, a visão do pastor acerca das religiões de matrizes africanas é negativa, sempre envolvendo uma troca de favores entre a entidade cultuada e o adepto. Nesta perspectiva, Macedo (2010) cita trabalhos de sangue, sacrifícios e obrigações para que as entidades e os orixás possam conceder “favores”, muitas vezes vistos como imorais. No trecho acima, a questão que o pastor dá ênfase é que se obtém favores por meios ilícitos, aproximando as oferendas, por exemplo, do crime. Tais colocações fortalecem o pensamento racista religioso que tais religiões trabalham para o mal. Neste caso, pode-se verificar a técnica de análise de conteúdo descrita por Minayo (2014), como análise das relações.

A análise das relações busca uma associação entre dois ou mais elementos no texto, o que pode ser observado neste trecho do livro em que se associa o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda, sempre correspondentes um ao outro ao serem colocadas como religiões servidoras de demônios. O ponto em comum entre as três religiões citadas é o fato de serem religiões de matriz africana, estigmatizadas por Macedo (2010), que em vários momentos do livro faz relação com a origem africana de tais religiões e características como o animismo e o fetichismo.

⁸ Segundo Unipro (2019), a missão da editora é produzir uma literatura para alcançar pessoas para Jesus, auxiliando-as na fé. Algumas das coisas que compõem os valores da Unipro são: Fé, Espírito, foco na agregação de valor aos seus clientes, etc.

Continua Macedo (2010) que as entidades do culto de Umbanda são espíritos malignos que buscam os corpos humanos como meio de se expressarem nesta terra:

Os exus, os pretos-velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os "santos" são espíritos malignos sem corpo, ansiando por achar um meio para se expressarem neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuírem um corpo. Por isso, procuram o corpo humano, dada a perfeição de funcionamento dos seus sentidos. Existem casos em que por força das circunstâncias eles chegam a possuir animais para cumprir seus intentos perversos (MACEDO, 2010, p. 9).

Sidnei Nogueira (2020) faz uma crítica ao livro da liderança da IURD, ao apontar que para os leitores desavisados o livro pode apresentar-se cheio de boas intenções, no entanto trata-se uma condenação racista das práticas de origem africana no Brasil. Condenação esta que explica o porquê os exus, os pretos-velhos, os erês e os caboclos são colocados como espíritos malignos neste trecho do livro.

É notório que Edir Macedo faz menções durante todo o livro às religiões de matriz africana, que de acordo com ele, existem graças às “seitas” demoníacas vindas da África, o que demonstra mais que intolerância, associada a racismo religioso e etnocentrismo. É neste sentido que o pastor afirma que, “os demônios atuam desde as seitas mais primitivas vindas da África até os salões da sociedade moderna” (MACEDO, 2010, p. 18). Nesta perspectiva, pode-se afirmar o que Oliveira (2017) diz, pois não se trata de intolerância e sim de racismo religioso, uma vez que ultrapassa o não concordar, mas perseguir e demonizar práticas não eurocentradas.

Ademais, trata-se de um projeto de conversão em massa, como aponta o babalorixá. Decorrente a isto, podemos notar que por trás do discurso do pastor cabe uma análise da expressão, pois pode-se verificar uma correspondência entre o tipo de discurso e as características de Edir Macedo e seu meio, sendo este pastor de uma igreja neopentecostal de raízes consolidadas no Brasil. Ou seja, seu discurso corresponde com a realidade em que vive, pois Edir Macedo faz suas críticas às religiões afro-brasileiras fundamentando-se em sua própria crença e vivência como pastor da IURD.

Portanto, no discurso cristão de oposição a outros tipos de fé, Edir Macedo se coloca como anunciador de uma verdade única, buscando também apresentar o culto às entidades descritas no trecho supracitado com perversidade, e o seu próprio culto como a libertação desta perversidade citada, exemplo claro de outra técnica de análise de conteúdo, a análise da expressão de Minayo (2014), que descreve que há uma relação entre o tipo de discurso e as características do emissor e seu meio.

Neste sentido, cabe entender como o meio em que vive o pastor interfere diretamente em seu discurso racista religioso. Desse modo, Oro (2006) discorre a respeito da fundação da Igreja Universal Reino de Deus, em 1977 por Edir Macedo, apresentando a Igreja como um dos mais impressionantes fenômenos religiosos do Brasil. A Igreja Universal possui um intenso alcance, pois, como apresenta Oro (2006), está presente em 80 países e seu crescimento anual é de 25,7%, além de possuir a terceira maior rede de televisão do país, a Rede Record.

Oro (2006) também discursa que a Igreja Universal do Reino de Deus fixou em seus cultos as entidades das religiões de matriz africana como demônios a serem invocados e exorcizados, em sessões de descarrego. O autor fala que tal fato a respeito da Igreja Universal elucida “a sua semelhança com as religiões afro-brasileiras, das quais paradoxalmente procura se opor e se distanciar” (ORO, 2006, p. 331). Episódio este que é evidente no livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, do pastor Macedo (2010):

Quando os primeiros escravos chegaram ao Brasil, trouxeram com eles as seitas animistas e fetichistas que permeavam seus países de origem na África. Aqui, encontraram muita afinidade da parte dos índios que tinham também uma forma de religião semelhante, onde os espíritos dos mortos eram consultados e onde se faziam "trabalhos" para agradar aos desencarnados ou deuses em seus rituais, ora folclóricos, ora macabros. Para evitar atritos com a Igreja Católica, os escravos que praticavam a macumba, inspirados pelas próprias entidades demoníacas, passaram a relacionar os nomes dos seus deuses ou, para ficar mais claro, demônios, com os santos da Igreja Católica. Assim, podiam escapar à grande perseguição que a própria Igreja Católica moveu contra eles, após a libertação dos escravos, por praticarem tais cultos. (MACEDO, 2010, p. 31).

Neste trecho nota-se a persistência em se referir às divindades afro-religiosas como figuras demoníacas e os cultos herdados de África de forma pejorativa e racista, uma vez que são considerados como “seitas” que prestam culto a deuses macabros nas palavras do pastor. É nesta perspectiva, que Nogueira diz que “o racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta” (NOGUEIRA, 2020, p. 47). O racismo religioso, demonstrado por Edir Macedo em seu livro, repousa sobre a origem da religião e suas práticas. Além disso, neste trecho, Macedo aproxima negros e indígenas, livrando o catolicismo, de modo que demonstra etnocentrismo e condenação a práticas que fogem desta hegemonia cristã e eurocêntrica. A exemplo deste trecho de Macedo (2010):

Os exus, para serem agradados ou para se afastarem dos caminhos dessas pessoas, costumam pedir matanças de animais, pois o exu tem sede de sangue... Um despacho custa muito dinheiro. Ficamos penalizados quando vemos pessoas pobres comprando galinhas, cabritos, porcos e bifes para oferecê-los aos demônios, quando não têm condições de colocar tais alimentos na mesa para a família. (MACEDO, 2010, p. 33).

Nogueira (2020) contesta este fato, ao discorrer que, na visão higienista cristã, o sacrifício animal é visto com barbárie, ideia que justifica o dever cristão de lutar contra as religiões afro-brasileiras, principalmente contra o candomblé. Nogueira (2020) ensina que o abate religioso faz parte da alimentação dos adeptos do candomblé e que não se trata de sadismo e tortura animal, enunciando que também há o abate religioso entre os judeus e muçulmanos, porém não há uma demonização sobre estas religiões em decorrência deste fato.

Nadalini (2012) discorre que no Candomblé uma das principais ligações entre os orixás e os homens são as oferendas de sacrifícios e alimentos, elucidando a importância desta ritualística para as Comunidades Tradicionais de Terreiro. Apesar disso, Reis (2021) explica que a imolação animal praticada em cultos afro-religiosos é usada também para saciar a fome, cumprindo uma função religiosa e uma função social de alimentação. Portanto, o discurso de Edir Macedo é baseado em sua própria presunção, não se tratando da realidade a respeito da ritualística citada.

Além disso, em um tópico denominado pelo pastor como “Umbanda, quimbanda e candomblé” é retratado presuntivamente que:

Essas facções do espiritismo colocam sobre seus adeptos os mais pesados fardos e receitam as mais estranhas "obrigações" para aqueles que procuram seus favores. Tais obrigações têm as mais diversas finalidades: matar, destruir casamentos, prejudicar a vida financeira, etc. Empregos, encontros amorosos, morte de inimigos e coisas desse tipo são conseguidos em consultas com exus ou pretos-velhos (MACEDO, 2010, p. 76).

É evidente no discurso de Macedo (2010) o pensamento popular de que os adeptos às religiões afro-brasileiras praticam o mal, buscando com a religião matar, prejudicar a vida alheia, conquistar parceiros amorosos e a destruição de casamentos. A reprodução de tais invenções pode vir a causar mais ódio, medo e intolerância. Barbosa (2020) expõe que este medo provocado faz com que as pessoas não busquem compreender a religião, estimulando uma ignorância que deriva da não validação social.

Silva (2007) discorre que o livro em análise vem sendo questionado pela Justiça, citando que no estado da Bahia, a Procuradoria Estadual enviou um pedido para retirar de circulação o livro à Procuradoria da República, uma vez que seu conteúdo é considerado ofensivo às religiões. Outrossim, Silva (2007), conta que no Rio de Janeiro, a Justiça condenou a Editora Gráfica Universal, e a Igreja Universal Reino de Deus, a pagar 120 mil reais pelo uso indevido da imagem de crianças adeptas às religiões afro-brasileiras.

4. Considerações finais

A presente pesquisa buscou compreender o racismo no âmbito religioso ao construir uma dialética entre a história e a contemporaneidade. Neste sentido, entende-se suas raízes no racismo estruturante da sociedade brasileira, desde o início do Brasil Colônia e ainda hoje através dos ataques constantes aos afro-religiosos, muitas vezes direcionados pelos adeptos do neopentecostalismo. Portanto, optou-se por analisar o conteúdo do livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?**, escrito por uma liderança neopentecostal, o Edir Macedo.

Foi possível observar a demonização das religiões afro-brasileiras e a constante necessidade de ligá-las ao mal. Nota-se no discurso de Edir Macedo a demonização da figura de Exu e demais entidades de Umbanda, Candomblé e Quimbanda, ao descrevê-las como demônios em busca de corpos para possessão. Ademais, Edir Macedo se esforça para que as práticas ritualísticas afro-brasileiras sejam vistas como imorais e seus fins mais ainda. Nesta perspectiva e no decorrer do trabalho, não é possível descartar que se trate de concorrência, isto é, de uma Igreja-Empresa empenhada em desmoralizar outras religiões com o objetivo de ganhar fiéis. Mas é possível notar que o líder religioso neopentecostal mira religiões afro-brasileiras, reportando-se à origem em África, enfatizando a raça⁹ e aproximando ritos religiosos da barbárie, da animalidade, desumanizando, assim, as crenças do povo preto. Configura-se, portanto, racismo religioso. Numa sociedade marcada pelo assassinato diário de jovens pretos e periféricos, onde a maioria da população carcerária é negra, num contexto em que o sujeito negro não está presente de maneira representativa nas decisões econômicas e políticas do país, tratar as religiões afro-brasileiras como malignas, os orixás como demônios e tê-las como alvo a ser combatido, são elementos que compõem a construção do racismo estrutural que organiza a sociabilidade, a política, a educação e o trabalho.

Por fim, é importante reconhecer que o racismo estrutural se mantém vivo na contemporaneidade, em meio aos ataques feitos nos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação, as agressões físicas contra terreiros e seus adeptos, os ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras locais públicos ou aos símbolos, os ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil, os ataques mediante as alianças entre igrejas e políticos e as reações públicas dos afro-religiosos (SILVA, 2007).

⁹ Quando os primeiros escravos chegaram ao Brasil, trouxeram com eles as seitas animistas e fetichistas (...) e encontraram muita afinidade da parte dos índios que tinham também uma forma de religião semelhante (MACEDO, 2010, p. 31)

Conclui-se que o discurso do pastor e os ataques racistas direcionados às religiões de matriz africana podem vir a causar mais ódio contra os adeptos dessas religiões, ao provocar o medo e a ignorância, fazendo com que a manutenção deste racismo religioso se mantenha viva através do tempo e perpetuando-se na sociedade vigente.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é o Racismo Estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

A editora. Unipro Editora, 2019. Disponível em: <https://unipro.com.br/a-editora/>. Acesso em: 23, ago. 2022.

BASSETTE, Fernanda. **Mãe perde guarda da filha de 12 anos após ritual de candomblé.** O Globo, 7 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/mae-perde-guarda-da-filha-de-12-anos-apos-ritual-de-candomble-24571523>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BASTOS, Janaína Ribeiro Bueno. **O lado branco do racismo: a gênese da identidade branca e a branquitude.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 8, n. 19, p. 211-231, 2016.

BARBOSA, Monique Oliveira. **O Racismo Estrutural e a Crise de Intolerância Religiosa no Brasil.** Intertem@ s ISSN 1677-1281, v. 40, n. 40, 2020.

BÍBLIA, Gênesis. Português. In: **Bíblia sagrada.** Reed. Versão de Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Das Americas, Cap. 3.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 dez. 2020.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais.** Organizações rurais & agroindustriais, v. 5, n. 1, 2003.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** Cortez editora, 2018.

HARTIKAINEN, Elina. **Racismo religioso, discriminação e preconceito religioso, liberdade religiosa: controvérsias sobre as relações entre estado e religião no Brasil atual.** Debates do NER, 2021.

KINUE, Lara. **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa é celebrado no dia 21 de janeiro.** G1, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/01/20/dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-no-dia-21-de-janeiro>. Acesso em: 24 nov. 2021.

LEANDRO, Marcos Eduardo; SANFILIPPO, Lúcio Bernard. **Deus e o diabo na prateleira do mercado: reflexões e narrativas de um racismo religioso vigente**. Periferia, v. 10, n. 1, p. 89-99, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31449/24541>. Acesso em: 1 dez. 2020.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** Unipro, 2010. Disponível em: http://www.teologiapelainternet.com.br/biblioteca/arquivos/Evangelicos/Edir_Macedo/Edir%20Macedo%20-%20Orixas%20Caboclos%20e%20Guias.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

Mbembe, A. (2017). **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona.

MENON, Maurício Cesar et al. **O diabo: um personagem multifacetado**. Línguas & Letras, v. 1, n. 1, p. 217-227, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **O desafio do conhecimento-pesquisa qualitativa em saúde**. In: O desafio do conhecimento-pesquisa qualitativa em saúde. 2014. p. 269-269.

NADALINI, Ana Paula. **“O nosso missal é um grande cardápio”**: Candomblé e alimentação em Curitiba. Revista Angelus Novus, p. 310-322, 2012.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2020. 160 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia_Religiosa_Feminismos_Plurais_Sidnei_Nogueira.pdf?1599239392. Acesso em: 1 dez. 2020.

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio de. **Religiões Afro-brasileiras e o Racismo: contribuição para a categorização do racismo religioso**. 2017.

OLIVEIRA, Eliana et al. **Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação**. Revista diálogo educacional, v. 4, n. 9, p. 1-17, 2003.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?**. Debates do NER, 1997.

ORO, Ari Pedro. **O "neopentecostalismo macumbeiro"**. Revista USP, n. 68, p. 319-332, 2006.

Panasiewicz, Roberlei. **"Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo."** Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões—"Migrações e Imigrações das Religiões". Assis: ABHR (2008).

PORTAL G1. **Influenciadora digital de Sergipe é investigada por suspeita de intolerância religiosa**. G1, 14 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/12/14/influenciadora-digital-de-se-e-investigada-por-suspeita-de-intolerancia-religiosa.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PORTAL G1. **Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada.** G1, 16 jun. 2015. Disponível em [:http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html](http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html). Acesso em: 25 jan. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu.** Revista Usp, n. 50, p. 46-63, 2001.

RAPOSO, Patrícia Lorena; DE ALMEIDA, Roberta Santos; DOS SANTOS, Simone Cabral Marinho. **O pensamento decolonial como estratégia de enfrentamento ao racismo estrutural no contexto escolar.** Praxis educativa, v. 16, p. 19-19, 2021

REIS, Duan Francisco Santos dos. **Multiculturalismo e o direito de sacrificar animais nos rituais sagrados do candomblé.** Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 5, p. 51535-51540, 2021.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução.** Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 57, p. 353-381, 2018.

SANTOS, Murilo Silva. **O neopentecostalismo e a intolerância religiosa praticada contra as religiões afro-brasileiras.** UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v. 5, n. 2, p. 486-505, 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves de. **Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica.** Revista USP, n. 67, p. 150-175, 2005

SILVA, Vagner Gonçalves da et al. **Prefácio ou notícias de uma guerra nada particular: os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 9-28, 2007.

SOARES, Rafael. **Traficantes evangélicos fecham pacto com milícia para expandir “Complexo de Israel”.** Extra, 03 jan. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/traficantes-evangelicos-fecham-pacto-com-milicia-para-expandir-complexo-de-israel-24821015.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

SOUZA, André Ricardo de. **O empreendedorismo neopentecostal no Brasil.** Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, v. 13, n. 15, p. 13-34, 2011.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro.** Brasiliana, 1955.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Editora Corrupio Comércio, 1981.